

# LATINA oooh NANA

O URBAN LATIN CHEGA AO TOPO DO POP E MARCA SUA VEIA POLÍTICA EM TEMPOS DE INTOLERÂNCIA – SEM JAMAIS PERDER O CHÁ-CHÁ-CHÁ.

POR GAÍIA PASSARELLI



FOTO DIVULGAÇÃO WARNER MUSIC

Cardi B com Bruno Mars no vídeo de *Finesse* (2018). Abaixo, Rihanna em performance de *Wild Thoughts*, que tem sampler do Santana, no Grammy Awards deste ano. Na página ao lado, a cantora colombiana Kali Uchis.

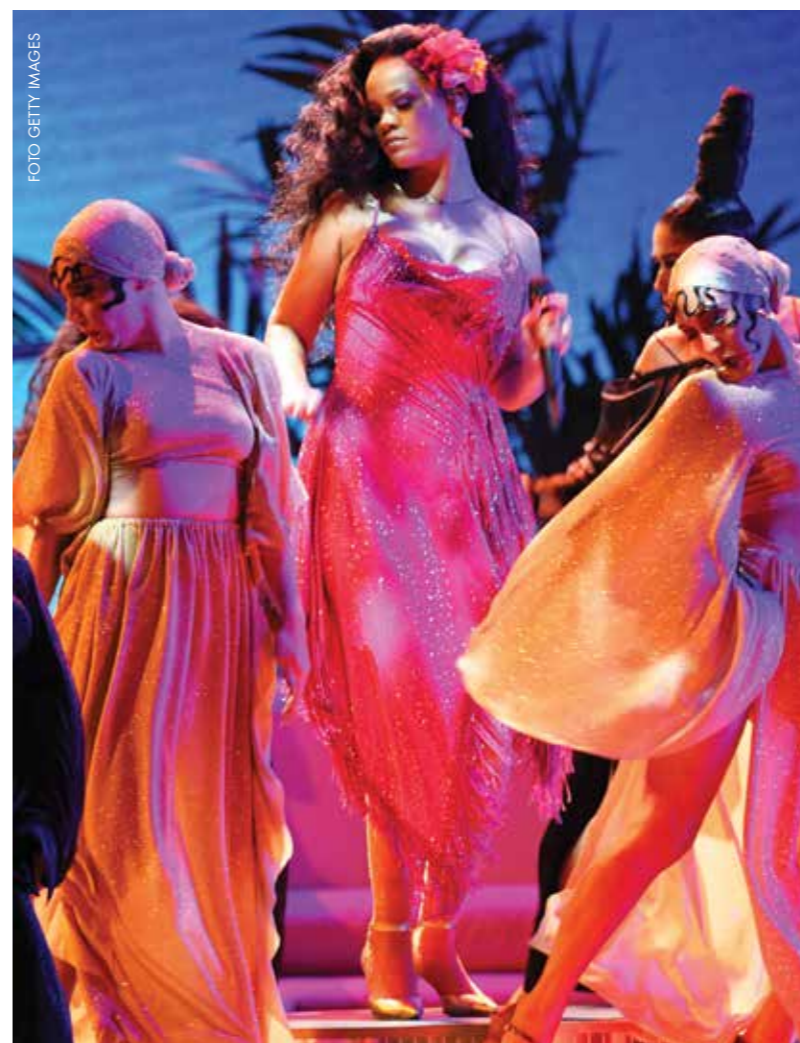


FOTO GETTY IMAGES

FOTO FELIPE NOGUEIRA

Lembra quando, no fim dos anos 1990, Ricky Martin cantava *Viva la Vida Loca* e J. Lo era o ideal da beleza latina? Corta para 2018: tirando o fato de que a guitarra do mexicano Carlos Santana ainda é sampleada e que Shakira segue belíssima e na ativa, as coisas mudaram muito no reino do latin pop. *Despacito*, do começo de 2017, é a música que vem à cabeça quando se fala nessa conquista dos charts. O megahit de Luis Fonsi com Daddy Yankee colocou o reggaeton no mapa do pop e abriu caminho para outros records de audiência, como *Mi Gente*, do colombiano J. Balvin, a primeira música cantada em espanhol a alcançar o topo do Spotify Global Chart. O fato de que Justin Bieber e Beyoncé, respectivamente, participaram de versões das duas canções é prova dessa força. “Os números de streaming de música latina moderna, o latin urban, já estavam crescendo bastante. A reação a *Despacito* e *Mi Gente* foi um grande passo, e o interesse não deixou de crescer”, diz J. Balvin à ELLE.

Mesmo com esse boom, artistas que não nasceram em países de língua inglesa seguem cantando nesse idioma, como é o caso da colombiana baseada nos Estados Unidos Kali Uchis. A explicação, segundo Balvin, é que, mesmo com esses sucessos com letras em espanhol, o interesse maior é ainda pela sonoridade. “Mais e mais pessoas estão se interessando pelos lançamentos latinos, pelo reggaeton por causa do som universal dessa música, independentemente da língua”, completa Balvin.

Kali – que em abril lançou *Isolation*, o seu primeiro álbum – é dona de uma estética retrofuturista original e cheia de referências. “Eu sinto muitas coisas o tempo todo e mudo com frequência. Me inspiro em épocas diferentes da moda e amo poder reinventar meu visual de acordo com a minha vontade. É excitante e me acalma na mesma medida.” O apelo visual em videoclipes anteriores, como *Ridin Round* (2015) e *Only Girl* (2016), é forte e certamente ajudou a colocar Kali em evidência. Mas é com o novo álbum, que conta com a participação de gente como Thundercat, Damon Albarn e Kevin Parker (do Tame Impala), que ela grava seu nome como um dos grandes de 2018. “O mundo agora sabe que pode gostar dessa música sem entender a

“  
O MUNDO PODE GOSTAR DESSA MÚSICA  
SEM ENTENDER ESPANHOL. ASSIM COMO PAÍSES LATINOS  
CONSUMIRAM HITS EM INGLÊS DURANTE TANTO TEMPO.  
”  
KALI UCHIS

língua. Da mesma forma que países latinos consumiram hits em inglês durante tanto tempo”, diz Kali. “Se posso cantar em duas línguas, por que não?”

Outro nome bastante quente é Cardi B., que você conhece de *Bodak Yellow* – a “música do verão nova-iorquino”, segundo o *The New York Times*. Criada no Bronx e vinda de uma família de imigrantes dominicanos, Cardi foi considerada a artista de 2017 pelo Pitchfork por representar “a antítese de um cenário político construído em torno de xenofobia, racismo e machismo”. Ela conquista sucessos em números também: com *Bodak Yellow*, foi a primeira rapper a ter uma música no topo das paradas norte-americanas por três semanas, um de seus singles recentes, *Bartier Cardi*, alcançou mais de 100 milhões de plays no Spotify nos primeiros sete dias de lançamento e seu álbum *Invasion of Privacy* já estreou com destaque na Billboard.

Já a cubano-mexicana Camila Cabello, que brilhou como ídolo teen no girl group Fifth Harmony, segue carreira solo desde 2016 e já tinha flertado com sua porção latina em uma bem-sucedida colaboração com o produtor Pitbull em *Hey Ma*. Mas foi com o novo hino *Havana*, lançada em começo de 2018, que ela escancarou esse seu lado tanto no look quanto na composição. Ao som das cordas típicas do chá-chá-chá cubano, ela repete o refrão “Havana, ooh na-na”. Não por acaso, em fins de 2017, Camilla encarnou a mais latina Guess girl de todos os tempos, em campanha da marca.

No Brasil, Anitta é hoje a artista mais bem-sucedida a derrubar a barreira entre o Brasil e o mercado latino. Onipresente na mídia local em 2017, a carioca anunciou em português, espanhol e inglês o projeto CheckMate, em que lançaria um clipe por mês. Des-



FOTO DIVULGAÇÃO SONY MUSIC



FOTO REPRODUÇÃO

YO SOY LA REINA DE LOS NENES



FOTO FERNANDO TOMAZ

de setembro de 2017, ela lançou três clipes: *Is That for Me*, em inglês, *Downtown*, em espanhol, e *Vai Malandra*, em português. Antes, já havia lançado uma versão também em espanhol de *Paradinha* (2017).

A língua, a influência portuguesa ou o tamanho do país às vezes realmente separam o Brasil do resto do continente. Mas o clichê do gosto por festa, música e dança é bem real. “É claro que o Brasil tem suas próprias manifestações e ritmos, além da diferença da língua, mas somos agentes criativos do mesmo continente com muitas experiências comuns”, comenta Balvin. O produtor musical Miranda, conhecido por sua participação como jurado no *Ídolos do SBT* e morto em março deste ano, lembrou em entrevista à ELLE que artistas de primeiro escalão da música brasileira, como Roberto Carlos, Ivete Sangalo e Paralamas do Sucesso, já gravaram em

Acima, Anitta em *Paradinha* (2017), primeira faixa com versão em espanhol da cantora. Na página ao lado, a cubana Camila Cabello e trecho do vídeo de *Mi Gente* (2018), de J. Balvin e Willy William, com participação de Beyoncé.

espanhol visando esse mercado. “Isso vem sendo tentado há muito tempo e só agora está conseguindo se configurar porque as grandes gravadoras, que hoje são apenas três, e multinacionais, precisam ampliar a área de atuação.”

E é Kali que levanta um último e importante ponto: “O progresso é enorme, mas precisamos apoiar mais artistas afro-latinos para que nossa comunidade seja realmente representada de maneira correta. Não apenas com artistas de pele clara”, como é ainda a grande maioria dos músicos que estão hoje em destaque.